

to
D.
Rua
P. O

3126



O Gaiato

7 DE SETEMBRO DE 1968

ANO XXV — N.º 639 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENA
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

Carta à Família dispersa

Chegou o correio. Notícias dos quatro quadrantes permitem-nos comungar a vida de toda a Obra. Altos e baixos. Dores e alegrias. Soluções achadas e interrogações a responder. É a vida. A vida real neste mundo de que é cidadã D. Contradição; onde não há sabor sem o sal, que de si amarga!

Chegou na hora própria o correio. Um coração, de «pequenino» que estava, distendeu-se, espreguiçou-se... E por entre uma lágrima fugidia e um sorriso de enlevo diante do tesouro de almas que Deus nos entregou, eu vi melhor a nossa natural pequenez e a grandeza divina da dignidade que Deus nos confere, ao depositar em mãos pecadoras tamanha riqueza.

São irmãos, inquietos com a saúde e cansaço de outros irmãos. São filhos mais velhos, conscientes das dificuldades de seus irmãos mais novos, a pedir duas letras que os reconfortem. É o que sofre no mais íntimo de si a luta sangrenta entre o amor que sabe dever aos outros e o amor-próprio, rebelde, difícil de submeter. É o adolescente que descobriu o seu coração, uns «olhos bonitos» que ainda o não tinham atraído. É o cego que geme duplamente a sua solidão ao reconhecer quanto desperdiçou as mãos que se lhe estenderam e ele não viu. É o desabafo de outro, que perdeu anos e anos — e foi julgado um perdido, mas não era! «Agora só tenho que agradecer a Deus por tudo o que me tem feito. Sabe?... — a vida agora é muito mais difícil que dantes, mas um homem não pode viver só para si. Um homem tem que criar alguma coisa mais para oferecer a Deus, que é tão nosso Amigo — não acha?»

É um mundo de almas — a nossa riqueza! — imagens vivas do Deus-Vivo que veneramos, quais relíquias sagradas neste «Santuário de almas». E não obsta que também o pecado more connosco! «Se não conseguir fazer nada de útil a Deus — continua aquele que acima citei — ao menos esforço-me por isso».

Só Deus conhece exactamente os «esforços» que se desenvolvem sob as nossas telhas, para sermos melhores; e, como nada de útil Ele precisa de nós, agrade-Se só com esses esforços.

Tudo tem sentido para o homem de Fé. O Bem e o Mal entram na Economia da Providência, que quer e propicia a salvação de todos os homens.

Por isso o meu coração, de «pequenino» se dilatou e eu sinto uma alegria serena e profunda e a necessidade de dar graças a Deus por todos vós. E ganha consistência o pensamento que de longe me acompanha: a Fé é incompatível com a infelicidade.

E, assim, embora a dor seja, no mundo, irmã gémea do amor, me declaro necessariamente feliz.



Ramo a ramo, «Brazinha» e «Capitão» vão enchendo o forno que há-de cozer o pão.

Aquí, LISBOA

Um dos acontecimentos mais notáveis do ano, mau grado o pouco relevo dado por certos sectores dos órgãos de informação, foi a recente visita do Vigário de Cristo à América latina. As palavras pronunciadas, cheias de clareza e de responsabilidade, dirigidas a todos os homens de boa vontade, particularmente as de conforto e de esperança para todos os Pobres e Oprimidos e os avisos feitos aos detentores da força e do poder terrenos, ficaram a ecoar no nosso espírito. Não fica fora de propósito, pois, assinalar nestas simples columnas os objectivos da viagem de Paulo VI a Bogotá. Como Pai Américo nós

queremos ser do Papa e da Hierarquia, na certeza que, procedendo assim, somos de Deus e dos Homens nossos Irmãos.

Celebrar Cristo presente na Eucaristia foi a causa primeira da deslocação efectuada, da qual todas as outras fluem. Também «queremos prestar ao Mistério Eucarístico a homenagem da nossa fé e do nosso amor», honrando, para lá da nossa fragilidade e das nossas traições, «Cristo vivo na Sua Igreja, que tem irradiado através dos séculos sobre toda a Terra». Como sacerdotes que somos, associamo-nos, com toda a alma ao «triumfo de Cristo, humilde e silencioso, mas autêntico e vivo na renovação sagrada do Seu sacrificio redentor».

O segundo objectivo enunciado — «encontrar-nos especialmente com as multidões dos Pobres que não têm uma posição honrosa e a quem falta o pão» — não poderia ser mais afim com a actividade escolhida pelos padres da rua, pois veementemente «desejamos que o símbolo sacramental assumo igualmente a sua significação humana em volta de uma mesa fraternal da multiplicação dos pães, em redor de uma mesa a que fossem distribuídas as vantagens sociais e económicas». Habitados como estamos

Continua na TERCEIRA página

Continua na TERCEIRA página

Património dos Pobres

A juventude descobre novos caminhos de felicidade. Todos nós gritamos que a juventude está em crise, mas cada vez mais nos temos de convencer que a crise está nos pais e nos educadores. Se a juventude está em crise é porque não se lhe mostrou um ideal que a apaixonasse. Ideal de nobreza, pois o ideal do prazer já não dá qualquer resposta.

Pelas praias por onde temos passado encontramos um mar de gente moça. Gente moça que se manifesta em atitudes e grupos extravagantes. A maior parte destas manifestações nada têm de nobreza. Mas a juventude, tem necessidade de se manifestar. Dentro dela está a vida toda. Está a força toda. Está o futuro todo. Numa das praias encontramos o pároco muito contente com um

grupo de jovens veraneantes. Confiara-lhes uma missão de serviço à comunidade e eles tinham posto todo o seu esforço generoso a servir bem e alegremente. Parte da nossa imprensa noticiou (e com certo relevo) a presença do I. D. E. S. O. em Salvaterra de Magos. Este movimento dos nossos Estudantes em colaboração com os «Compagnons Bâtisseurs» está a realizar um

campo de trabalho nesta vila ribatejana: a construção de cem casas para famílias pobres. Este movimento é uma resposta aos grandes anseios da nossa juventude. Estudantes de cursos superiores interrompem os seus cursos e suas férias e entregam-se a servir os outros, sem qualquer remuneração. O seu

Hoje saf do silêncio da «Casa da Mata» e fui dar uma volta pela nossa Aldeia.

Apesar dos calos que me atormentam, procurei corrê-la de ponta a ponta. Logo à saída, no caminho da mata, um grupo deles acarrejava saibro prá frente do portão da nossa entrada.

Ti João Manco dá lições e tenta alindar com saibro, porque a nossa Câmara Municipal ainda não se decidiu pelo alcatramento, talvez por falta de verba. E é pena.

Depois, a secção agrícola. Vi o Serafim de fato-macaco a dar a sua voltinha, debruçado sobre o meloal, a ver como vai a crecença. Um grupo anda a abrir caldeiras para acudir à rega das árvores em terrenos mais secos. Outro conjunto são os da erva. Vejo uns dentro da vacaria, outros com molhos às costas, outros de foice na mão a cortá-la.

Atravessei o campo da bola, e sorri prós alfaiates mais prós sapateiros, por vê-los de costas vergadas sobre roupa e calçado.

Passei pela Tipografia e não entrei porque de fora vi os óculos do Júlio Mendes, a cara rosada do Alberto, e o brio de todos os rapazes.

Na Carpintaria, Laurentino é mestre interino, por via do mestre ter ido ajudar às obras do aldeamento da Casa do Tojal. Só queria que soubessem do seu brio e da sua idade... Sou do officio e não me quero aproximar muito, por via de não

Uma volta pela nossa Aldeia

estragar. Nestas alturas somos sempre forasteiros.

Na Serralharia, o Fernando de Angola, mais outros sentem-se à vontade e não têm medo do homem branco.

Na rouparia, na padaria e nos galinheiros tudo ciente do que têm que apresentar prós outros.

Como tinha tocado a sineta para o almoço fui a caminho da Casa-Mãe e na cozinha havia algazarra por via da tarefa de servir o caldo, mais um prato de massa com carne de porco. Zézinho passou, mais um grupo com cântaras de vinho e grades de pêssegos, fruto do trabalho deles, servido por eles.

Entre no refeitório mais a minha prole para almoçar. Saboreamos justas férias. Depois da refeição, Varela sentou-se entre mim e Snr. Padre Abraão, a apresentar uma sobremesa de outras árvores que não são regadas nos campos. Deixo aqui o sabor, para provares do que nós não gostamos — por via do do seu sabor amargo.

Varela vem dar contas da venda; e explica que o Armando encontrou a mãe que o levou, agarrada ao palminho de cara que ele tem para ganhar uns tostões. Não haveria dor e a sobremesa saberia bem se não fosse a miséria da mãe, mai-la sua ignorância.

Não acusamos esta nem outras mães, nem dizemos da sua

miséria, porque disso somos todos culpados pelo pano negro que pomos nos olhos para não vermos o nu e o cru dos problemas que aprofundam a sociedade, e são ruína da Nação.

Quando aceitamos um rapaz, não queremos deles ricos ou incapacitados de mentalidade, mas sobretudo os filhos da rua, sem ninguém, os abandonados, daqueles que fazem caretas aos polícias e furtam fruta nos mercados. Queremo-los por via do mal que os vai minando e que depois gera neles. Só isto levou Pai Américo a criar uma Família e a adoptá-la no Amor do Evangelho vivido.

Chamamos pecado quando nos entregam um que têm de tirar a uma mãe incapacitada, mas sofremos mais pecados quando na idade de maior perigo no-lo vem roubar, porque sabemos para onde vai e o que vai ser.

Temos ido pelos Tribunais de Menores — e sofremos decepções! Mais do que a lei, os homens formam barreira. O sentido e a dor paternal que nos bate e atormenta mai-la incompreensão daqueles que

Visado pela
Comissão de Censura

nos poderiam ajudar, faz-nos olhar pra toda esta nossa Aldeia a pensar que toda a força daquela árvore, ainda tenra, é logo abalada.

Queremos, mas é, tirar e diminuir os processos nos tribunais, os albergues das prisões, os incuráveis dos sanatórios. E quanto mais eles, os resgatados, precisam da Obra que lhes foi Mãe, surgem, então, os pais e parentes com as malhas da rede. Furtam-nos, sim — mas não a Bem da Nação.

Ernesto Pinto

LOURENÇO MARQUES

Alguns passos dados e tempo perdido, na altura devida têm o reverso agradável e entusiasmante, sem mesmo se ter de multiplicar andanças. Diz o nosso povo que «a quem Deus quer até o vento lhe junta lenha». Assim tem acontecido connosco.

Pelas crianças da rua, ando vezes sem conta nas ruas da cidade subindo e descendo degraus, a procurar as mesmas pessoas, a tocar o mesmo assunto, a pedir que «andem e deixem andar». Há lugares aonde me sinto cansado de ir. Não são muitos, nem de referir, porque ao fim de contas há os que na hora própria compreendem, aceitam e ajudam. Não empatam. E para além desses, há os que vêm espontaneamente com as ofertas mais oportunas e inesperadas.

Um grupo de cinco rapazes, estudantes do Liceu e um mesmo matriculado em Medicina, vieram até nossa Casa passar uns dias, não de repouso mas de trabalho. É uma necessidade de valorizar as suas férias e ocupá-las proveitosamente em favor dos nossos, já que na cidade ninguém até hoje se dispôs a contratá-los para um trabalho compatível e remunerado, como é uso entre os vizinhos da África do Sul. Por isso, que ninguém lhes atire pedras!

Entre outras coisas que lhes pedi, sobressai, pela importância, o que hoje começaram a fazer — blocos de cimento para as paredes das Casas da nossa Aldeia. Pois hoje mesmo, chegaram ajudas inesperadas. Manhã cedo, apareceu um camião de areia de quem já nos trazido mais. De tarde apareceu outro com cinquenta sacos de cimento, oferecido pelo Amigo do nosso Toninho e oferecido também o transporte por quem o fez. Entretanto, uma Serralharia da Machava deu recado pelo telefone para ir buscar uma máquina de fazer blocos e o Quim trouxe a oferta de duzentas e cinquenta tábuas para os mesmos. Tudo quanto era preciso apareceu na hora exacta. Pode ser que outros não vejam aqui o dedo de Deus. Mas eu vejo. Sinto Ele a impulsionar corações e a conjugar esforços para que naquela hora e momento que escolheu, tenhamos o preciso.

E, por isso, quando, já noite, apareceram dois senhores a pedir lugar para mais um, eu vi que era a vez de bater Ele à nossa porta. E que fazer senão abri-la bem aberta, para que não espere nem sofra quem precisa de nós?!

Padre José Maria

Setúbal

Todos os dias vai uma caravana deles para os ares, mais para as águas e areias do mar! São cerca de cinquenta: — Os mais pequenos e mais infezados... Todos os dias a nossa «Opel» os vai levar e buscar.

Saem de manhã, levam almoço e lanche e voltam à tardinha! Tem sido uma jornada graciosa que se repete diariamente desde há mais de um mês!

Galapos, num cantinho especial, onde eles podem brincar sem perigo para si e incómodo para os outros, é a sua praia preferida!... À noite, ao chegar a Casa, doidos de alegria, contam-me sempre as peripécias mais sensacionais da jornada!... E quando foi normal a rotina tenho de saber dos mergulhos, das pescarias dos barcos, dos jogos, mais dos mal comportados!

Esta semana fui eu que sempre os levei e trouxe. Ao chegar ao local de encontro, correram todos à uma a contarem-me que uma senhora lhes havia

comprado um gelado! Deve ter ficado caro o aviso de cinquenta gelados, mas a alegria deles foi tão grande e o sabor que me ficou na alma foi tão intenso que bendisse ao Pai do Céu os bons sentimentos que fez nascer naquela Senhora!

A Praia é uma exigência do médico! Todos têm passado pelos olhos de um especialista da nossa Delegação de Saúde a fazer exame à boca, mais ouvidos e garganta! A quase todos ele receita: — muita praia e muitos mergulhos!...

Tenho gasto em carne os cinquenta e os cem, mais os quinhentos que me tens mandado para os mais precisados! É necessário que não desanimem, pois a mesa põmo-la quatro vezes ao dia.

Eu sonhei este ano ter uma casa na praia. Não somente para os nossos, mas para todas as crianças pobres que fosse possível levar ao mar! Pedi terreno. Prometeram-nos. Deus queira que o não tenha perdido.

Pedi madeira. A promessa também ficou de pé. Mas o tempo? E as possibilidades da sua construção? O nosso Lar é um poço sem fundo! Tudo é para o Lar. Tempo. Rapazes! Dinheiro! Pensamento! Ele é agora o nosso tesoiro. Está lá o nosso coração! A casa na praia tem de ficar para o ano que vem!... Remediamo-nos por enquanto com a ida e vinda todos os dias! E os maiores nem pensar nisso!

x x x x

Estou a ver que vamos ficar sem frigorífico. Porquê? — perguntámos. É que nem um centavo ainda chegou pró fogão. Ora antes do frigorífico está o fogão. Para aquele tenho vinte e dois contos. O fogão custa 32. Vou tirar os vinte e dois do frigorífico e pô-los no fogão. Sem frigorífico passamos; sem fogão não podemos passar!

Quanto ao encerador e aspirador nem falamos mais no assunto. Tenho a certeza de que se te tirasses dos teus cuidados e viesses ver com os teus olhos o carinho, a largueza e a beleza do nosso Lar novo, em acabamentos, não ficarias surdo ao nosso pedido! Nem um centavo!...

Padre Acllio



A PRIMEIRA PASSAGEM DE ÁGUA A SEGUIR À PONTE — EM MALHAS DE 1 METRO — ONDE PASSA ACTUALMENTE O INFULENE.

★ BELEM ★

Os leitores ainda se lembram daquelas três cartas, aqui publicadas, em Junho, a pedir meninas orfãs, para serem adoptadas por casais sem filhos?

Pois, até hoje, ainda não apareceu uma única em tais condições. Apareceram, sim, estes três casos:

1.º — «...8 crianças privadas do amor e carinho dos pais, não porque os mesmos tivessem falecido, mas pelo abandono do lar e moralidade baixa. Os pais vivem; no entanto, eles estão como orfãos, pois os pais não mais os verão. O Senhor Delegado de Menores passa um documento às famílias interessadas, comprovativo da perda total de direitos sobre os filhos».

«Para mim é uma obra sem igual o dar-se um lar cheio de amor e carinho a uma criança que ficou privada dele, quer por morte quer por insuficiência dos pais».

Esta carta é duma professora transmontana. Pede-me a direcção dos signatários das três cartas publicadas, para diligenciar no sentido de conseguir um lar a estas crianças.

Pois sim, minha Senhora, mas a minha experiência faz-me ver o caso bastante complicado. Afvão as direcções pedidas e... que Deus a ajude!

2.º — Rapariga hoje de 19 anos, casou aos 14 com um rapaz que havia abusado dela, por pressão do Tribunal. O rapaz, uma vez chegado do serviço militar, desapareceu e não voltou a dar notícias. A mulher e dois filhos, ficaram a viver na mais completa miséria.

Entretanto, surge um outro que a leva consigo, ficando os filhos entregues à avó materna, com quem viviam. Agora

reapareceu, prestes a ter outro bebé e está disposta a dar a menina (já a ofereceu ao Casal que me expõe o caso) por não ter com que sustentar 3 filhos.

O pior é que a pobre, que se vê obrigada a prover sozinho ao sustento da prole, não pode resolver nada sem o consentimento do pai que, não cumprindo os seus deveres, continua na posse dos seus direitos.

3.º — «Sou o Prior de... Há aqui três meninas, duas de 3 anos e uma de 2, cuja mãe abandonou a casa, a elas e ao marido. As pequenitas são encantadoras, mas o pai não as pode criar. Podereis vós, a menos por certo tempo, fazer esta caridade?»

Senhor Prior, nós não podemos agora receber crianças, porque andamos a tentar solucionar outros problemas, relacionados com o desenvolvimento da Obra. A mais importante é a do alargamento e adaptação desta casa. Por isso, temos é que arranjar para onde levar as que cá estão, antes de iniciar as obras.

Por outro lado, se o Pai das crianças é apto para cuidar do seu sustento e educação e só não as pode ter agora, por serem muito pequenas, ou por razões profissionais, não convinha que as trouxessem para tão longe. O ideal será colocá-las aí, numa creche ou casa semelhante. Assim, o pai poderá visitá-las bastantes vezes, até contribuir para o seu sustento, na medida das suas posses. Isso impedirá que não haja mais quebras dos laços familiares e poderá até contribuir para a reconciliação dos esposos.

x x x x

Então não haverá orfãs em Portugal? Com certeza que sim; mas são tão procuradas que não há dificuldade nenhuma em as colocar e, por isso, raras vezes chega até nós o conhecimento desses casos.

Para a próxima apresentarei um caso que demonstra, à evidência, como as coisas se passam, na admissão das crianças.

Por hoje, termino agradecendo muito a todos os que não têm esquecido as necessidades de «Belém», apesar do nosso silêncio.

Óptimas férias para todos os que as possam gozar, mas com uma lembrança carinhosa para os que as não puderam ter.

Inês

O NOSSO JORNAL

A época de férias, na Administração do Famoso, é das mais movimentadas! E este ano não fugimos à regra. São os postais. Os célebres postais prós caloteiros ou pseudo-caloteiros, como diria Pai Américo.

Já que as férias geram desocupados (estudantes e seminaristas, etc.), aproveitamo-los. Somos uma Casa de trabalho. Devem todos comer o pão com o suor do seu rosto. Ora temos um grupo deles com o ficheiro do Jornal em mãos, catando nomes e moradas de assinantes com notícias atrasadas. Satisfazemos, assim, a grande maioria que, atendendo à dispersão de vida da era atómica, exige uma lembrança oportuna. Uma lembranzinha. E como nos é mais fácil um serviço de rotina, o postal segue para todos — excepto para os que merecem silêncio, porque cumpridores. Seguiram já um ror deles. E o correio d'ontem e d'hoje, segundo Avelino, dobrou de volume. São os postais a fazer barulho! Não tardam, porém, a surgir hossanas e cantanadas. É costume. Uns, porque vítimas da nossa célebre desorganização organizada. Ou-

tros, valha a verdade, porque vítimas de desatenção inconsciente; sobretudo porque desconhecem como funciona, como está montado um ficheiro elementar por ordem alfabética. Exactamente. São os nomes. Os nomes e as moradas. Pois quando se nos dirigem, devem coincidir exactamente com o endereço total impresso no cabeçalho do Jornal. Aqui reside, efectivamente, a maior dor de cabeça da malta que lida com o ficheiro e põe em dia as contas do leitor. Não há dúvida como é impossível, muitas vezes, descobrir charadas, em uma multidão superior a 30.000 fichas!

O aviso aqui está. Deus permita que mais esta série de postais sirva de barreira à perfeição do nosso ficheiro; e da nossa desorganização organizada. E sirva, também, de esclarecimento para quantos desconheçam como ele funciona.

Aguardamos notícias de todos e cada um. Ainda que justamente refestelados, em férias, em qualquer canto fresco e airoso deste belo país à beira mar plantado.

Júlio Mendes

Aqui, LISBOA

Cont. da PRIMEIRA página

a lidar com os humildes e abandonados, com aqueles para quem certos esquemas mentais, às vezes não pouco responsáveis, têm a solução (?) de não valer a pena qualquer esforço ou entrega, sentimos nas palavras do Sucessor de Pedro um

estimulante incentivo nas tarefas e dificuldades a transpor, sem o fomento ao ódio ou à violência.

O terceiro objectivo proclamado — «lembrar aos ricos os seus deveres» — tem sido norma nos nossos passos do dia a dia, oferecendo aos poderosos do Mundo a salvação que vem do Alto, não poucas vezes sem incompreensões, para que se possa «pôr fim a uma situação em que se vêem de um lado privilegiados inactivos e de outro miseráveis ofegantes».

A quarta intenção — «intensificar a unidade cristã» — e o quinto propósito — «favorecer a paz no Mundo» — completam o quinteto de finalidades justificativas da viagem de Paulo VI. Com Ele «desejamos que a celebração Eucarística seja sinal de unidade, antes de tudo para o povo crente, para o povo católico e depois para todos os nossos irmãos cristãos»; com Ele desejamos a Paz do Mundo, uma Paz autêntica e sincera, baseada na Justiça, alicerçada na Verdade, impregnada de Liberdade e alimentada pela Caridade, a fim de todos constituirmos uma Humanidade feliz e de podermos pronunciar com sentido a palavra Pai, no reconhecimento pleno de uma irmandade que não pode ficar em meras palavras, mas exige atitudes e gestos em concordância. De resto, como disse Paulo VI, «só chega à Eucaristia quem ama verdadeiramente os seus irmãos».

Padre Luiz

Areias do Cavaco

O dia de ontem, no Calendário, riscado fica. Observo. De todos os lados chegam pedidos. Ora daqui, ora dali, a Província inteira clama. Das proximidades, muitas mães nos visitam amiúde. Querem que seus filhos, conosco vivam. Muitas regressam felizes a seu lar. Sua vida se normaliza. Outras, sabe Deus como.

Ultimamente, nossa família aumentou. Com a mudança para a Casa-Mãe muitos pedidos foram aceites. Muitos entraram. Mas também, lá fora, outros muitos ficaram e vivem na ânsia de um dia poder fazer parte da Grande Família.

O Senhor ajudá-los-á a conquistar nova família e feliz lar.

x x x x

Contentes ficamos quando alguém nos visita. Sr. Padre Telmo e dois pequenos de Malanje vieram a Benguela. Chegou, com cumprimentos de todos os lados recebidos. Dois dias ficou em nossa Casa. Ao terceiro dia partiu. Sua visita, terminou.

Júlio de Sousa

PATRIMONIO DOS POBRES

Cont. da PRIMEIRA página

ideal é a felicidade da comunidade humana. Um articulista do «Diário de Notícias» chamou-lhe (e muito bem) a elite que constitui o verdadeiro milagre da juventude de hoje.

Estão neste campo de trabalho estudantes italianos, alemães, holandeses e portugueses. São universitários e seminaristas. Está uma jovem holandesa, professora de ginástica, que pediu licença por um ano. Está a Clotilde que tem o 3.º ano de letras na Universidade de Coimbra. Estas duas «Mulheres Fortes» têm completado o ambiente familiar do grupo.

O trabalho deste grupo não é um trabalho de recreio. São nove horas diárias vergados ao peso do trabalho e tisonados pela intensidade do calor. Alguns dos habitantes da terra, que pertencem quase todos à organização aristocrática do desemprego, comentavam à mesa do café: «Ou estes tipos ganham muito dinheiro ou são doidos».

Nem é uma juventude interessante, nem doida. É uma juventude com ideal. Uma juventude que quer dar testemunho de

crístã. Uma juventude que quer uma sociedade e um mundo onde haja mais amor, mais paz, maior conforto.

Procurou-nos, há dias, o Pároco de Salvaterra de Magos. As cem casas que estão ali a ser construídas em terreno cedido pela Câmara Municipal ficarão do Património dos Pobres.

Ele veio pedir ajuda. Os materiais para as casas e a sustentação dos generosos operários são uma aflição grande para ele. Contudo a alegria pelo testemunho de amor cristão dado por estes jovens e a esperança à promoção humana do seu povo pobre dão-lhe um mundo de força e confiança. Não lhe pudemos dar a certeza da nossa ajuda material, pois o fundo monetário do Património está em zero, mas demos-lhe a certeza da confiança na Bondade do Senhor que vem em nosso auxílio na hora própria.

Está aberto mais um caminho ideal para a juventude — ajudar os Irmãos pobres a construir a sua casa.

A juventude está mais rica. O Património dos Pobres está mais rico.

Padre Horácio



PELAS CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

Mercê de circunstâncias várias vi-me afastado um certo tempo destas colunas.

Há dias fui convidado a escrever alguma coisa sobre os estudantes e seus resultados. Mas, em obediência ao lema «escrever como obrigação e não como obrigado» eu fiz papel de esquecido e vou enveredar por assunto diferente. Mas prometo, contudo, que na próxima lancetada os estudantes vão andar na baila.

Porque a partir de Outubro próximo se vai organizar aqui em Casa um Curso Unificado da Telescola para o ciclo preparatório, aproveito o ensejo e vou passar a notícia para aqui a «papel químico». Sr. Padre Avelino nomeou-me monitor do Curso aqui em Casa. Acedi e fiquei até satisfeitosimo com a chamada. Na verdade, os nossos rapazes precisam muito de se voltar para o amanhã das realidades do espírito, que o amanhã físico é tão somente incompleto. Com efeito, para que eu possa ser monitor é necessário o 7.º ano liceal ou ter exercido anteriormente o cargo de professor. Para este efeito, necessário se torna que em Outubro próximo faça a Matemática para que possa ter o 7.º ano completo. Suponho que sim, que a coisa realmente vai ao lugar. Estão previstas para já, cerca de 15 inscrições e seria uma nota meritoria que os rapazes aproveitassem da melhor forma os excelentes resultados que este Curso traz. É, na verdade, um curso delineado nos mais modernos processos didáticos, elevadamente metódico e visando uma instrução integral apoiada tanto em ministramentos de carácter meramente teórico como, por exemplo, Matemática, Ciências, História, Língua Pátria, etc., como em habilidades práticas, ou seja, trabalhos práticos manuais, desenho e outros de Ciência e de Matemática.

Por outro lado, o material exigido para o funcionamento e boa orgânica de curso é completíssimo.

Como seria bom que por Portugal inteiro se acarinhasse uma iniciativa deste género. O Curso é simplicíssimo, acessível a todos e com tanto valor como o ciclo preparatório ministrado nas escolas industriais e liceus.

x x x

Os estudantes mais infantis do Liceu D. Amália, em Lisboa, visitaram-nos há um certo tempo. Foi nas férias da Páscoa. Fiquei satisfeito pelo modo como, tanto alunos como professores, se sentiram entusiasmados à breve treche com a força que a Obra presentemente mostra ao vivo. Viram e ouviram sempre com um sorriso pleno de paixão a aflorar aos lábios: «Olha as vacas; olha os porcos, tão bonitos». «Ah, eles também sabem cozinhar!». «Isto é a rouparia, onde a roupa é cosida e passada a ferro. — E quem faz isso? São eles. Eles?». São estas e outras frases plenas de interrogação e de interesse por uma Obra que vai a pouco e pouco entrando no coração de todos. Inicialmente, tínhamos a nosso lado apenas os nossos grandes amigos, os amigos da 1.ª hora, os amigos fiéis que, por dá cá aquela palha, derramavam o coração. Hoje, esses conservam-se mais fortes e existem mais, muitos mais amigos «de alma e coração». Infelizmente, são ainda, relativamente, poucos os que se esforçam e confiam em nós. Nós somos uma Obra de Amor! Quantas

e quantas vezes temos andado aflitos com o problema «finanças» e, no último momento, surge uma maquia. Ainda não fomos abaixo, nem iremos... A nossa confiança em ti é ilimitada e, por isso, voltamo-nos sempre para ti, para vós, para que nos ajudem. Bem hajam!

Deixaram uma soma de escudos, pequena em numerário mas grande em coração, baseada à pressa numa subscrição entre alunos e professores. De uma professora recebemos uma nota de mil com promessa de enviar idêntica quantia para «os doentes do Calvário». Obra de Deus, Obra de Amor!

De uma outra vez foram vários estudantes, meus colegas do 6.º ano, a brindarem-nos com uma visita. Viram, ouviram e gostaram de tudo e de todos. Os «batatinhas» foram o fulcro. Eles têm razão: — Os «batatinhas» são a beleza prima dos nossos espectáculos anuais. À hora de entrarem, o público delira e os rebuçados são atirados em ondas sucessivas em direcção ao palco. Descortinam-se razões? É que o «batatinha» é a «criança grande» em desenvolvimento com toda a sua beleza e pitoresco.

Deixaram-nos um amontoado colossal de revistas e, de igual modo, a barriga dos «batatas» farta.

Nós vimos agradecer-te, ó tu que sentes empenho em visitar-nos, que não esmoreças; e a ti que ainda não nos brindastes com a tua presença, que apareças. Nós gostamos de te ver. É tão simples vir aqui! Não há problemas de transporte. É às 8 da manhã, à 1 da tarde, às 18 e às 20. Podes estar o tempo que quiseres. Há sempre alguém que te mostre quem somos...

De facto, os livros de aventuras que nos dás é já uma presença tua, mas agradecemos que no-los não envies, que os troques por dinheiro ou qualquer outra coisa que esteja mais à mão. Dá-nos do que é teu, do que te faz brotar sacrifício. É dando com sacrifício e generosidade que mostras o teu cunho próprio...

P. S.: — Temos estado a receber em grande quantidade, livros de estudo. E que livros de estudo! Vamos já aplicar muitos deles no Curso da Telescola. Não hesites em dar do que tens. Tudo nos serve. Muito obrigado!

Rogério

LAR DE COIMBRA

Continuam em ritmo acelerado as obras do nosso Lar. Como já foi noticiado, uma placa já foi erguida. Agora, estamos a caminho doutra, a qual está sendo preparada.

Embora o calor seja sufocante, o trabalho não diminui e cada um procura trabalhar o necessário para que mais depressa veja construída a Casa que em breve habitará ou então possa dizer mais tarde: «Eu também ajudei a construir esta Casa».

A princípio as visitas dos nossos amigos eram assíduas aos alicerces e às paredes que se erguiam gradualmente. Esse amigos interessavam-se pela construção da Casa e de vez em quando vinham ver os progressos que ela beneficiara. Nesta quadra de verão e de férias os visitantes afastaram-se um pouco, mas esperamos que em breve voltarão a admirar e a per-

ceber o esforço já feito, tanto para a construção diária da obra como para a aquisição de fundos para a sua realização.

Hoje, que está um dia de grande calor, a actividade não é menor e, ao que parece, haverá empreitada, visto que nova placa está a começar. O Vilhena não pára com a camioneta. Mal chega, a camioneta é despejada e lá vai ele buscar mais cimento, areia e brita. Assim se vai erguendo o novo Lar. Esperamos pela vossa visita e pela ajuda espiritual e material. Cá vos esperamos.

Manuel

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

UMA BOA NOTICIA — Em resultado do «Encontro Vicentino», ultimamente realizado em nossa Casa, o Conselho Central da Sociedade de S. Vicente de Paulo pensa, agora, muito a sério, na criação de um Conselho Particular nesta região. É uma boa notícia! Tão boa, que não resistimos a transmiti-la aos nossos leitores. Se Deus quiser, e a boa vontade dos homens, dos vicentinos, permitir, for valente, neste canto do país a Sociedade poderá renovar-se, rejuvenecer e crescer — em benefício dos Pobres. E é necessário. Imprescindível. Os Pobres estão à nossa espera! São nossos. Fazem parte da Igreja Serva e Pobre. Graças a Deus, nunca como agora — e depois dos primeiros tempos apostólicos — a Igreja encarou tão de frente, fez tão Seu, o problema dos irmãos que sofrem. Sejam eles gregos ou troianos. Porque todos filhos do mesmo Pai — o Pai Celeste.

O QUE RECEBEMOS — Abre a assinante 17740, com 50\$. Mais os 20\$ habituais de cara conhecida — A. F., do Porto. E cinco vezes mais de Guimarães, com esta legenda: «Para que Deus abençoe as viagens de uma família de emigrantes». E mais 30\$00 «Para um dos vossos Pobres mais necessitados, devido ao bom resultado num exame de um dos meus netos. É a minha maneira de agradecer a Deus o auxílio e protecção que lhe tem dado e vai dando». E que maneira! Mais 50\$00 de Lisboa. São dum anónimo. Uma velha amiga manda 20\$00 para «ajudar o pagamento duma renda de casa a um Pobre que o faça com muitos sacrifícios». Ó delicadeza cristã! De um engenheiro dos C. T. T., velho amigo, também, «60\$ de juros de mora». Mais delicadeza! Outra anónima, de algures: «Junto 20\$00 para os Pobres. Mil perdões pela insignificância. Mas é de muitíssima boa vontade». Ó legenda! E 50\$ de um Médico de Caldas da Rainha. Como sempre, discreto; muito discreto — como manda o Evangelho. Mais os costumados 40\$00 da conhecida assinante 17022. Viva a perseverança! E 50\$00 do Largo do Priorado — Porto. E mais 20\$, e uma legenda proveitosa. É de Viseu: «Oxalá que da leitura do «Gaiato» eu continue a tirar a coragem de que preciso para suportar a minha Cruz de doente e cheia de dificuldades de toda a espécie». Abençoado Famoso! Mais 120\$00, relativos ao 1.º semestre do corrente ano, pela mão do assinante n.º 19205, da Horta — Açores. Estes subscritores espontâneos e perseverantes, são uma fortuna aos olhos de Deus! Mais uma nota de cem da cigarreira Alice pequena, pela mão de um grande Amigo. Outros cem, de Mafra. Mais 25\$ do assinante 5308. E 50\$, do Porto, visto «me lembrei, agora, poucos se lembram que os nossos irmãos Pobres têm que viver todo o ano...». O mesmo da Rua Dr. Joaquim Pires de Lima — Porto. E mais 20\$00, «por alma de Maria Augusta». E 30\$00, do Funchal. Por fim, 50\$00 do amigo assinante 6544.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

Sou um antigo gaiato e crónista do «Famoso». Estou de visita à minha Casa de Miranda.

É verdade que esta é sempre a minha Casa, pois se trata da Casa materna e eu sou um dos seus filhos que um dia procurou outros mimos e que mercê da formação recebida conseguiu singrar na vida e formar família cristã.

É sempre com saudade que recorro a Casa de Miranda e sempre que posso cá estou a matar saudades, a conviver com os rapazes e a encher-me da paz de espírito que os afazeres do dia a dia não proporcionam.

Do meu tempo poucos rapazes cá se encontram. Alguns, trabalham em nossa Casa e procuram contribuir para a formação dos seus irmãos mais novos.

Muitos, trabalham em Coimbra e moram em Miranda, bem pertinho da Casa Mãe. Quase todos compraram e construíram a sua casa.

Todos continuam ligados e aparecem com seus filhos e procuram de algum

modo a convivência com os seus irmãos mais novos e o conselho sempre amigo e paternal do Senhor Padre Horácio.

Vim com minha mulher e filhas: Cézita de 8 anos e Dininha de 4 anos.

Tenho procurado que a mais velhinha se aperceba do que foi a vida do pai, das dificuldades porque passou, do muito que deve à Casa do Gaiato e dos ensinamentos que também a elas podem ser úteis no futuro.

Vim encontrar a quinta sempre linda, cada vez mais bonita.

Os nossos rapazes entregues ao trabalho, ajudando-se mutuamente e comunicando uma alegria sadia.

As nossas oficinas em plena laboração, com o Tio Jesus ensinando o ofício de carpinteiro, e o «Cabocço» que é um dos nossos já casado, ensinando aos mais novos na serralharia.

A nossa Capela, ampliada e tão linda!

Pena é que não possa gozar mais tempo de férias.

Todavia o pouco tempo de que disponho é aproveitado e vou cheio desta paz que respiro e que servirá de tónico para mais um ano de ausência.

João de Torres Novas

Paço de Sousa

LAVOURA — Que lindos os nossos pomares! Todos eles têm fruta, graças aos rapazes que têm a seu cargo a difícil tarefa de dar fruta a tão numerosa família.

Os camponeses andam satisfeitos; não pensam como outros que abandonam e emigram, deixando o nosso lindo Portugal campo agreste, só pelo simples capricho da riqueza.

x x x

JARDINS — Tudo recebeu uma reforma, desde o momento em que o Sr. Padre Abraão entrou na nossa Casa de Paço de Sousa. Os jardins, que até então estavam secos e com ervas daninhas, começaram a ser olhados como qualquer outro serviço pra ser feito com perfeição e amor. Que lindos que ficam em volta da casa! Dão exemplo vivo de quem trata deles com o suor do seu rosto, para que dê flores.

x x x

FONTENARIOS — Outra necessidade era água potável em qualquer canto da nossa Aldeia, para apagar a sede de tantos rapazes e de tantos visitantes, que chegavam queimados.

Pois estes fontenários já estão espalhados pela nossa Aldeia — trabalho e esforço de quem olhou a necessidade com realismo.

x x x

PARQUE — A monotonia dos nossos irmãos mais novos acabou. O seu grande desejo está concluído, graças ao trabalho dos rapazes que conseguiram edificar um pequenino parque, onde podem passar os momentos de recreio, saboreando algo de bom e esquecer a solidão. Resguardados de todo o perigo e de maus intentos, brincam debaixo das árvores que resguardam o pequenino parque, berço dos seus pensamentos e brinquedos. O parque vai crescendo como as nossas flores. Que beleza!

Ficam todos resguardados por jardins e rosas. Mais beleza!

x x x

MÚSICA — A minha casa está sem música. Música temos cá muita, mas é desagradável ao ouvido. Vou direito ao assunto: Falta-nos um rádio; e, sem este, a casa é triste, muito triste, como todos os leitores devem compreender. Pois bem; se tendes algum encostado a um canto, agrade-

ceiros a sua oferta. Até o rádio já se sentirá mais feliz ao pensar que vai fazer desaparecer a monotonia das nossas Casas...

Tenho confiança nos leitores que sentem as nossas dificuldades.

x x x

OFERTAS — O pedido que o meu colega Manuel António fez de calções de banho foi bem atendido. Em nome dele, e dos meus irmãos desta Casa, agradecemos a todos quantos nos atenderam, conforme as suas possibilidades. Muito obrigado. Deus vos ajudará, como vós nos ajudais.

Manuel Rosas

AZURARA

Dias de sol esplêndido têm caracterizado esta quinzena da nossa Colónia de Férias. Vive-se alegre e des preocupadamente, livres dos trabalhos quotidianos, para os quais estes dias são merecida compensação.

É sempre com grande alegria que, sobretudo os mais pequenos, recebem a nova de uns dias de praia. É vê-los correr pelo grande areal, jogar animadamente, brincar com o mar que tanta atracção exerce sobre eles. Alternam-se os banhos de mar com os de sol. É interessante observar como os pequenos vão anotando, até com mútua rivalidade, os seus processos no bronzeamento da pele. Expõem-se ao sol horas seguidas até provocar, por vezes, queimaduras — tudo isso para «ficar moreno» o mais depressa possível! Vive-se o dia a dia neste ambiente alegre, em franco convívio, em que todos se sentem mais irmanados uns com os outros, talvez devido a viverem todos, des preocupadamente, a vida.

Aparecem-nos, por vezes, surpresas, como a que nos fizeram, há dias, os seminaristas do Instituto Missionário da Maia que, passando em excursão pela praia, se prestaram a tornar-nos a tarde mais alegre. Brindaram-nos com um número de palhaços, muito apreciado por nós, como também por várias pessoas que se nos juntaram e com algumas canções tecadas pelo seu conjunto, em que participámos activamente.

Tudo isto e muito mais tem contribuído para que sejam uns dias de alegria e boa disposição os que aqui estamos passando.

Ilídio Norbertu



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE